

Caridade - Missão

VICENTE
DE PAULO
1660
2010
LUÍSA DE
MARILLAC
350º aniversário

*Reflexão por Irmã Elisabeth Charpy, FC, da província da Paris e
Irmã Louise Sullivan da província da Albany / Canada
Tradução : P. Lauro Palú, CM - Província do Rio de Janeiro*

O espírito de santa Luísa de Marillac

1 660 foi um ano de grandes lutos para a Família Vicentina. O Pe. Antoine Portail, primeiro Coirmão de São Vicente de Paulo e primeiro Diretor das Filhas da Caridade, morreu em fevereiro. Santa Luísa de Marillac, sua colaboradora e amiga, morreu em março. Ele mesmo morrerá em setembro. Embora o nome e a imagem de São Vicente fossem universalmente reconhecidos, já no século XVII, o nome e a imagem de Santa Luísa parecem apagar-se completamente. Só em 1933 ela sairá definitivamente da sombra de São Vicente, para retomar seu lugar ao lado dele, não só como Fundadora das Filhas da Caridade, mas ainda como uma mulher de hoje. Por suas ações e suas palavras, foi capaz de despertar em cada um, em cada uma de nós, o conhecimento de seu próprio valor.

Quem foi Luísa de Marillac no século XVII?

Em maio de 1629, São Vicente de Paulo envia a jovem viúva que tinha encontrado uns anos antes, para que vá visitar as Confrarias de Caridade, que tinham começado tão bem mas que, depois de um tempo, perdiam o zelo do início. Bem que precisavam reencontrar o entusiasmo de sua origem. Para São Vicente, ninguém estava mais bem qualificado para isso que Santa Luísa de Marillac. Ela deu conta dessa missão de modo notável e São Vicente se alegrou com o sucesso dela.

Quando Santa Luísa encontrou São Vicente, no final de 1625 ou no início de 1626, o marido dela acabara de morrer, depois de uma longa e penosa doença. Ficara sozinha com um filho difícil de 12 anos e com dificuldades econômicas. Era uma mulher frágil que procurava seu caminho. São Vicente a acompanhou. Pouco a pouco, percebeu, por trás das aparências de dúvida, hesitação e ansiedade, um mulher forte, dotada de dons excepcionais, capazes de fazer dela a “líder” que ele buscava para colaborar com ele em suas obras de caridade.

Esse envio em missão de maio de 1629 não foi senão o começo de uma amizade e uma colaboração que transformaria a vida consagrada feminina e o serviço dos mais necessitados na França e além de suas fronteiras e que continua até nossos dias no mundo inteiro. E no meio de todas essas transformações encontramos a figura de Santa Luísa de Marillac. Ela percebeu imediatamente a necessidade de agrupar em comunidade aquelas moças da zona rural que estava formando, a pedido de São Vicente, para trabalhar com as Senhoras da Caridade no serviço dos pobres doentes em seus domicílios. Num mesmo impulso, fundou as Filhas da Caridade e construiu uma ponte sobre o abismo que separava os ricos e poderosos dos camponeses e dos pobres e separava os homens das mulheres. Com São Vicente de Paulo e as primeiras Filhas da Caridade, criou uma vasta rede de caridade que não excluía ninguém.

São Vicente de Paulo tinha uma visão muito ampla das necessidades dos Pobres. Santa Luísa tinha capacidade da organização, atenção aos pormenores, audácia e criatividade para transformar

aquela visão em realidade. Basta considerar a obra das crianças abandonados pelas ruas ou nas portas das igrejas (ela se apaixonou por essa obra, sem dúvida por causa de seu próprio nascimento como “*filha natural*”) e a obra do Asilo do Santo Nome de Jesus para pessoas idosas, para reconhecermos a verdade desta afirmação.

Por que ela desaparece?

Dado o que acabamos de dizer sobre a colaboração estreita e frutuosa entre São Vicente e Santa Luísa tanto na fundação das Filhas da Caridade como no desenvolvimento das obras de caridade que atendiam a toda a gama das necessidades dos mais pobres, ficamos um pouco espantados com o desaparecimento quase total de Santa Luísa de Marillac. Mesmo depois de sua canonização em março de 1934 (dois séculos depois da de São Vicente de Paulo) e durante a celebração, em 1960, do terceiro centenário da morte deles, mal se falou dela.

A resposta sobre esse desaparecimento é dupla. De um lado, houve o esforço para glorificar São Vicente de Paulo e fazê-lo canonizar o mais rápido possível, depois da sua morte, como o grande apóstolo da Caridade. Nesse projeto, havia lugar para as Filhas da Caridade mas como filhas de São Vicente de Paulo. Mas não havia lugar para uma colaboradora que tinha dado carne e osso às ideias dele. Por isso, não se falava dela e ainda menos de suas contribuições. Devemos, entretanto, reconhecer que, durante sua vida, Santa Luísa de Marillac jamais buscou aparecer na frente de nada. Ele mesma nos diz:

“Ao nascer em pobreza e abandono dos homens, Nosso Senhor ensina-me a pureza de seu amor (...) Disso aprenderei a manter-me oculta em Deus, com o desejo de servi-lo sem buscar, para coisa alguma, o testemunho dos homens e a satisfação de sua comunicação, contentando-me com que Deus veja o que quero ser para ele: para tal finalidade, quer que me entregue a ele, a fim de realizar em mim esta disposição: assim o tenho feito, por sua graça” (Santa Luísa de Marillac, *Correspondência e Escritos*. Trad. da Irmã Lucy Cunha. Ribeirão Preto, Editora Legis Summa, s. d.; p. 812).

A segunda razão é mais complexa. No interior da Companhia das Filhas da Caridade, houve aparentemente uma reticência, mesmo uma certa recusa de fazer andar a causa de canonização de uma fundadora “*filha natural*.” Acabaram por fazer os trâmites necessários, mas sem grandes entusiasmos. Se é verdade que os Santos têm seus momentos, o de Santa Luísa de Marillac ainda não tinha chegado. Para isso foi necessário esperar a década de 1980.

Por que ela reaparece?

Se, em 1983, Santa Luísa de Marillac saiu enfim da sombra, foi porque o terreno fora preparado desde 1958, pela publicação da biografia escrita por Mons. Jean Calvet, intitulada *Santa Luísa de Marillac por ela mesma. Retrato*. Nesse livro, o autor fala publicamente e pela primeira vez das circunstâncias do nascimento dela, dos acontecimentos dramáticos, por vezes traumatizantes, de sua infância e juventude e de uma vida marcada por momentos fugazes de felicidade e por sofrimentos sempre muito próximos. Seu objetivo era a “*verdade, companheira da santidade*”. Reconheceu a tendência de Santa Luísa de caminhar na “*trilha*” de São Vicente de Paulo e “*como sua sombra*”. Calvet queria “*ter ressaltado a originalidade dela e posto em relevo sua grandeza própria*” como “*uma das glórias mais puras das mulheres francesas*” (Calvet, p. 8-9).

Faltava ainda a convergência de dois outros elementos significativos: o movimento de Promoção da Mulher e a reflexão do Concílio Vaticano II sobre a dignidade da pessoa humana (Constituição *Gaudium et Spes*) para que reaparecesse a verdadeira Luísa de Marillac. O momento propício só chegará em 1983. Nesse ano, apareceu a nova edição da *Correspondência e [dos] Escritos de Santa Luísa de Marillac*. Graças a uma apresentação mais acessível, a uma nova classificação, a numerosas notas e a um índice pormenorizado, descobriu-se, sobretudo através de suas cartas às Irmãs, uma mulher cativante, cheia de humanismo, atenta a cada ser humano em todas as suas dimensões.

O que Santa Luísa oferece ao mundo de hoje?

O aparecimento da Correspondência e dos Escritos apresentou a “verdadeira” Santa Luísa ao mundo de fala francesa. As traduções que logo apareceram em muitas línguas espalharam sua fama pelo mundo inteiro. Mas que retrato nos dão dela? Essa mulher livre e forte de seu tempo, o que ela oferece precisamente para os homens e as mulheres do século XXI?

O mundo mudou desde a época de Santa Luísa de Marillac, mas, mesmo passados alguns séculos, ela traz para este mundo dominado pela tecnologia valores universais e duradouros e o calor nas relações humanas. Trezentos e cinquenta anos depois de sua morte, alguns desses valores têm uma importância particular para a Família Vicentina, a saber:

O papel da mulher

Mulheres do povo

Muito antes que se começasse a falar disso, Santa Luísa procurou melhorar a situação das mulheres simples do povo: possibilidade de viver uma nova forma de vida consagrada; formação humana, espiritual e profissional; preparação para a responsabilidade de serem educadoras das crianças expostas; professoras de escolas para meninas pobres; cuidadoras dos doentes e dos abandonados.

“Deveis ser muito reconhecidas pelas graças que Deus vos concedeu, colocando-vos em condição de prestar-lhe tão grandes serviços” (Escritos, p. 309). *“Não tenhais medo”* (Escritos, p. 951).

Mulheres da burguesia e da nobreza

Santa Luísa de Marillac estava bem situada para fazer a ligação entre as pessoas simples que eram as Filhas da Caridade e as Senhoras da Caridade que eram da alta sociedade. Isto, porque, como uma *“de Marillac”*, tinha seu lugar nesse meio, embora tivesse escolhido viver em comunidade com mulheres do povo. Enquanto formava as primeiras Filhas da Caridade para o serviço dos Pobres, muitas vezes em colaboração com as Senhoras da Caridade, seu papel junto delas, na maior parte do tempo, era de animação. Tentava,

por suas palavras e seu modo de agir, abri-las ao respeito de cada pessoa, ajudá-las a discernir sob as aparências a dignidade das pessoas pobres, a respeitá-las e a trabalhar em pé de igualdade com as Filhas da Caridade.

“(...) as Senhoras [da Caridade] reconheceram as necessidades dos Pobres e (...) Deus lhes deu a graça de socorrê-los de modo muito caridoso e magnificamente. (...) Os meios de que essas caridosas Senhoras se serviram para organizar suas distribuições não foram suas santas assembléias... [mas] fornecendo pessoas fiéis e caridosas para constatarem as verdadeiras necessidades e fornecer-lhes prudentemente, o que serviu não só no corporal mas também no espiritual” (Reflexões de Santa Luísa de Marillac, Documentos, p. 788 da ed. francesa).

Redes de caridade

Santa Luísa de Marillac jamais quis imaginar que o serviço dos Pobres fosse reservado a um grupo particular. Para ela, a diversidade e a extensão das necessidades requeriam uma vasta rede de colaboração: mulheres e homens, Senhoras da Caridade, Padres e Irmãos da Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Administração Municipal.

Para assegurar um serviço eficaz, esta colaboração tinha suas exigências. Primeiro, uma obra de colaboração vicentina exige de cada um a vontade de reconhecer e aceitar a personalidade do outro com suas qualidades e seus defeitos.

“Renovai-vos no espírito de união e cordialidade (...) O exercício da caridade (...) nos leva a não ver as faltas alheias com azedume, mas a desculpá-las sempre, humilhando-nos” (Escritos, p. 357).

Em segundo lugar, tal colaboração pede a todos o respeito mútuo, a capacidade de acolher a palavra do outro, sabendo também expressar-se. *“Apresentai humildemente, fortemente e com mansidão e brevidade vossas razões”* (Escritos, p. 141).

Finalmente, o serviço dos pobres nunca será vicentino, se não se caracterizar pelo calor humano, pelas qualidades femininas de que Santa Luísa fala tão frequentemente e de que é modelo em sua própria vida: compaixão, ternura, mansidão, numa palavra, *Amor*.

“Sede muito afáveis e bondosas com os vossos Pobres. Sabeis que são nossos amos, a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente. Não basta ter isso na memória, mas devemos demonstrá-lo por nossos serviços caridosos e afáveis” (Escritos, p. 365).

Perguntas para a reflexão pessoal e nos grupos



O que existe, nas palavras e no exemplo de Santa Luísa de Marillac que toque você pessoalmente, que seja um desafio para você?

Você pensa que seja útil desenvolver a colaboração vivida por Santa Luísa de Marillac entre os diferentes grupos da Família Vicentina? Que inconvenientes acha que existem? Que vantagens? Como pensa que se possa viver atualmente essa colaboração?

